

FATOS E NOTAS

RESUMO DA HISTÓRIA DA ESCRITA (*).

MARCEL COHEN

A história da escrita, etapa e fator da história da humanidade, que oscila entre o econômico e o estético e tem sempre caráter social, é extremamente complexa. Não é possível segui-la simplesmente no decurso do tempo, porque começou várias vezes e em mais de um lugar.

Pode fixar-se, talvez, em quinhentos mil anos a antigüidade da presença de homens providos já de ferramentas, armas e utensílios intencionalmente adaptados ou fabricados, ferramentas de pedra que ainda hoje é possível encontrar, ou utensílios que não se conservaram por serem fabricados com matérias vegetais: cordas, recipientes, etc.

Aquêles sêres, resultado de bem longa e lenta evolução de uns homínidas desprovidos de tôda indústria, quer dizer, sem as faculdades mentais correspondentes, evoluíram de maneira muito lenta, em fases que em grande parte desconhecemos.

Sòmente numa época relativamente próxima da nossa — supõe-se que há, no máximo, quarenta mil anos — encontramos o homem atual (caracterizado pelo valor de seu cérebro), não só provido de ferramentas relativamente variadas e aperfeiçoadas, mas capaz, pelo menos quanto a certas populações, de talhar, modelar e pintar representações de sêres vivos numa forma que, ainda hoje, nos suscita um prazer estético. Não parece, pois, duvidoso, que os homens dêsse tempo já unissem o útil ao agradável. Acredita-se que para êles a utilidade consistia em produzir representações, em determinadas condições, e em se servir delas de maneira adequada (conjuração, atos de imposição de mãos e de transfixação) a fim de lograr abundância e êxito na caça. O prazer devia consistir na própria fabricação e na sua contemplação, à luz fuliginosa das cavernas. Deve-se pensar, além disso, que não se tratava sòmente de arte plástica: ao lado de seu valor mágico, em certos objetos de uso diário apareciam traços de ornamentação, e as pessoas usavam jóias. Existiam pequenas construções feitas

(*) . — Transcrição de texto publicado no catálogo da exposição de 50 painéis da Arte de Escrita organizada pela UNESCO e exibida no Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo (Cidade Universitária), no 2º semestre de 1966 (*Nota da Redação*).

ao menos com troncos de árvores cobertos, talvez, com peles, um rudimento de arquitetura e, com tôda a certeza, a música instrumental e vocal, e a dança.

E' provável que, no curso da evolução que foi aperfeiçoando a linguagem, apareceram certos meios de completá-la em forma material e mais ou menos perdurável. Entramos aqui no capítulo das "marcas" (no sentido mais amplo) que precederam a escrita e que subsistiram junto a ela para certos usos. Traços gravados ou formados por separação: desde as linhas traçadas na areia com a ponta dos dedos até os entalhes mais variados, entre êles as incisões praticadas nas orelhas dos animais como marca de propriedade e as tatuagens de vulto. Objetos que se conservam durante um tempo mais ou menos longo: pedras ou estêrco sêco que servem para contar nos jogos ou em cálculos importantes. Tôda classe de laços, entre êles os de galhos ou de um ramo flexível enroscado que significa um passo já realizado ou que se realizará mais tarde. Transpondo tudo isto à nossa civilização, encontramos desde a moeda até os sinais de trânsito. Mas deve-se pensar, sobretudo, nos elementos dos diversos sistemas de numeração, traçados como caracteres de escrita mas com um sistema de funcionamento totalmente distinto. Aqui a utilidade se impõe brutalmente e a arte se manifesta num grau insignificante.

Pelo contrário, a arte, ou ao menos uma habilidade gráfica que lhe faz as vêzes, constitui a origem dos sistemas de representação visual de tudo o que se pode expressar com a palavra. Em tôda parte encontramos primeiro a pictografia (da raiz latina "pintar" e da grega "traçar, escrever") nas diversas manifestações da proto-escrita, nas quais se oferece ao observador um fragmento de discurso figurado, sem que êste se decomponha em palavras e, por conseguinte, sem que haja uma ligação precisa com uma língua determinada. Em geral se trata de "histórias sem palavras", com imagens-situações ou sinais-coisas. São de tipos variados, em suas formas e em seus usos, em sociedades também diferentes entre si mas que permaneceram tôdas em fases materialmente inferiores, sociedades de caçadores, de pescadores, de agricultores modestos, na África, na Ásia setentrional, na América e na Oceania. Devem-se colocar à parte os pictogramas-sinais, cuja visão não responde a pormenores descritivos mas que tende a facilitar recitações, servindo de recurso mnemotécnico para declamadores adestrados: aqui o desenho é um coadjuvante e não, como se foi tornando cada vez mais, um substitutivo da memória exercida profissionalmente. Na medida em que o texto que se recita está composto, ritmado e contado, existe uma relação artística exterior. Encontramos séries de pictogramas correspondentes a cantos, belamente desenhados e coloridos e perfeitamente alinhados, entre os índios cuna do Panamá. Nesses pictogramas se observa um fato fundamental, que

se encontra em quase tôda parte: a estilização, que supõe a seleção e a simplificação na representação gráfica dos objetos. .

Uma verdadeira escrita, correspondente à análise das fases em palavras representadas sucessivamente, sinal nôvo de observação e de abstração, sômente aparece em sociedades que já evoluíram a ponto de possuir cidades, o que supõe intercâmbios complicados e regulares, como a alimentação dos cidadãos pelo campo e, antes de mais nada, o desenvolvimento de uma arquitetura, obra de artesãos e de artistas. O que prova (diga-se entre parêntesis) que, tanto no umbral dos tempos históricos, como nas épocas pré-históricas mais remotas, puderam realizar-se muitos progressos materiais sem empregar a escrita. O único exemplo de estado organizado que tenha mantido uma administração sem possuir uma escrita é o dos incas da América do Sul, dos séculos XII ao XVI. Tampouco utilizavam a roda para o transporte. Em troca, haviam desenvolvido enormemente o sistema de cordões nodosos (quipos) para fazer cálculos e conservá-los, uma vez feitos. Para dizer a verdade, podem-se citar alguns exemplos isolados de invenção da escrita na África e América, mas se trata de simples “salpicos de civilização”, já que êsses inventores conheciam a existência da escrita européia. Na realidade não há nenhum descobrimento arqueológico que nos permita ir mais além das cercanias do ano 4000, como limite máximo. Digamos exageradamente que a escrita, que não é indispensável para a vida, só tem uma história de uns seis mil anos. E observamos que ao final dêste período não é ainda objeto de uso universal; pode-se dizer que cêrca da metade dos sêres humanos não a utilizam.

No que se refere ao funcionamento, uma verdadeira escrita pictográfica ideal exigiria que cada palavra fôsse representada por um desenho especial reconhecível. Êste é o procedimento do hieróglifo ou da charada ilustrada, especialmente em forma direta, que ainda se utiliza em nossos dias como jôgo, com diversas convenções suplementares. Assim, um disco com raios significa “sol”, o desenho de um protetor de cabeça significa “chapéu”, os nomes dos diversos animais representados por suas imagens (por exemplo “gato”) Os sinais-coisas são ao mesmo tempo sinais-palavras; como expressam sentidos sem evocar nem individualizar os sons, seu emprêgo é ideográfico e podem ser chamados ideogramas (do grego “ídea”). Do ponto de vista do traçado, sempre que se trate de desenhos realistas, pode-se falar de hieróglifos em sentido amplo, segundo o nome que os gregos deram aos caracteres da antiga escrita egípcia (*hieros* — “sagrado”, *glyphhein* — “esculpir”).

Em se tratando de palavras inteiras, não decompostas, pode-se utilizar êste sistema sem levar em conta as pronúncias, e, por conse-

guinte, pode-se ler em diferentes idiomas. Se se desejar escrever sobre coisas variadas, devem-se supor muitos desenhos diferentes.

A fase seguinte da invenção da escrita é aquela em que aparece a notação dos sons, isto é, a escrita se torna, só parcialmente ao princípio, fonográfica. Isto se consegue, sem abandonar a picto-ideografia, mediante o processo da charada ou hieróglifo por substituição. Este processo pressupõe a realização da observação precisa de uma língua determinada. Assim, por exemplo, pode-se observar que entre as palavras curtas há as que são homófonas (térmo mais exato que homônimas, “de igual nome”); graças a esta particularidade, economizando um sinal, poder-se-á escrever “macaco” (instrumento) com a figura de um macaco (animal). Pode-se ainda ir mais longe, decompondo certas palavras em partes, com o que se poderá escrever, por exemplo “soldado”, mediante as figuras unidas de um “sol” e a de um “dado”. Naturalmente, estas substituições são válidas somente para uma língua; neste sistema a escrita é ideográfica e se ajusta à língua com sua fonética.

Os exemplos que seguem são tomados de uma escrita americana. Porque, apesar da cronologia, costuma-se começar a história da escrita pelas escritas da América Central, o que se justifica pelo desenvolvimento, desconhecido fora dali, que alcançou o tracado ou grafia pictográfica ou hieroglífica, sem que houvesse esquematizações. Por isso, esta classificação empírica poderia muito bem subsistir, ainda que os esforços que atualmente se realizam para decifrar os documentos maias ou astecas dessem como resultado o descobrimento de misturas de processos ideográficos e fonográficos semelhantes aos que encontramos nas escritas mais antigas do Velho Mundo, que descreveremos sucintamente mais adiante.

Assim pois, na América Central se chegou à fase urbana com o empêgo da escrita. O império maia parece ter existido no século IV de nossa éra. Passou logo por diversas vicissitudes e desapareceu quase por completo antes ainda da conquista espanhola, no século XVI. As ruínas que existem hoje provam um grande desenvolvimento da arquitetura, particularmente com suas pirâmides e suas escadas monumentais. A escrita estava unida a esta arquitetura: os degraus de certas escadas eram adornados por grandes hieróglifos esculpidos. Conhecem-se também figuras de estuque e foi comprovada a existência de afrescos. Utilizava-se igualmente a côr na confecção de códices de papel de *amatl* com figuras mais ou menos grandes, em quadrados cuidadosamente alinhados. Muitas das figuras utilizadas eram em parte imaginárias, o que permite apelar para toda uma série de lendas e de interpretações míticas. Afirma-se que entre os maias o conhecimento da escrita estava reservado às famílias dos sacerdotes e dos grandes senhores. Mas as esculturas dos mo-

numentos estavam expostas a todos os olhares e deviam prestar-se a explicações, como as estátuas, vitrais e rosetas de nossas catedrais românicas e góticas. Sabe-se que naquela civilização reinava a crença numa volta periódica dos mesmos acontecimentos. Parecia, pois, extremamente prático fixar dados que permitissem fazer previsões a êsse respeito.

Os astecas, que se estabeleceram no vale do México no século XIV e cuja civilização foi influenciada pela dos maias, deveriam possuir também monumentos mas, depois da conquista espanhola, pouca coisa dêles restou. Só se conhecem três manuscritos maias autênticos; felizmente foram conservados dezenas de manuscritos astecas. Descobrem-se nêles elementos religiosos e outros de caráter histórico e geográfico; entre êstes últimos figuram certos nomes de cidades que são exemplos de charadas ou hieróglifos por substituição. Assim, o nome da cidade de *Coatlan* está representado por uma serpente sob a qual aparecem desenhados dois dentes com suas gengivas; a significação é “lugar das serpentes”, *coat* é a palavra “serpente” e a preposição “*tlan*”, “em”, que indica lugar, está representada por *tlanti*, “dentes”, de cujo final se prescinde. A análise fonética descobriu a identidade de duas palavras e o desenho representa a pronúncia ao mesmo tempo que o sentido.

Também por causa do funcionamento da escrita, trataremos aqui da chinesa antes de tratarmos das escritas mais antigas de que se tem notícia, se bem que pareça datar somente de meados do terceiro milênio. O sistema chinês está próximo da pictografia ideal no sentido de que há nêle, em princípio, um desenho, isto é, um caráter para cada palavra, sendo a palavra um monossílabo invariável. Assim é, embora os lingüístas tenham chegado a reconhecer que êste monossilabismo não existiu sempre e embora muito a miúde apareçam mesclados dois elementos em certos tipos de compostos. Como resultado, contam-se milhares de caracteres. A leitura corrente exige o conhecimento de 3.000 caracteres; certos dicionários para pessoas cultas passam de 40.000, e mais ainda com os termos raros. Ora, êstes caracteres não estão unidos ideograficamente mas associados a conjuntos de sons determinados da língua chinesa (consoante seguida de uma vogal e, em certos casos, de uma consoante final); trata-se, portanto, de fonogramas silábicos. Muitos caracteres, por transferência sem decomposição, acabaram por designar objetos variados. Secundariamente, e com o fim de separar os significados, introduziram-se nos caracteres outros traçados, também mais ou menos complicados (de 1 a 17 traços) para distinguir os diferentes sentidos, dando-lhes, por conseguinte, caráter ideográfico. São chamados “claves”.

O sistema que acabamos de expor brevemente é, em suma, ideográfico ao mesmo tempo que fonográfico. Subsistiu até nossos dias apesar da dificuldade no aprendizado do traçado e da leitura. Há pouco tempo que se utiliza a escrita latina para ensinar a ler antes de iniciar o aprendizado dos antigos caracteres, que por sua vez foram simplificados em parte. Estes caracteres são em geral complicados e são formados de muitos traços retos pequenos, desenhados com ponta do pincel. O uso da escrita, que até há pouco era reservado à classe instruída dos funcionários e à dos ricos (hoje o ensino primário está praticamente generalizado), está impregnado de sentimento estético. Cada pequeno caráter, que ocupa um quadrado imaginário, isolado na coluna rigorosamente retilínea, com intervalos por sua vez iguais (e com pontuações que servem para indicar os agrupamentos necessários), é uma pequena obra de arte. Os bons calígrafos, profissionais ou não, gozam da mesma fama que os desenhistas e pintores. É freqüente o emprêgo ornamental da escrita.

Graças às ruínas conservadas e aos documentos descobertos, sabe-se que no Egito antigo, a partir de uma época anterior a três mil anos a. C., existem estados organizados com grandes cidades, que utilizavam uma escrita hieroglífica com desenhos facilmente identificáveis e elegantes em sua pequenez (alguns dêles representavam certamente gestos convencionais).

Para usos monumentais — *inclusive* as estelas gravadas de pequeno tamanho e as pinturas que adornavam o interior das câmaras sepulcrais —, os desenhos gravados ou pintados subsistiram até a era cristã, aproximadamente. Nessa época cederam lugar à escrita alfabética tomada dos gregos na forma chamada copta (isto é, “egípcia”), como língua evoluída e conservada até nossos dias para usos litúrgicos cristãos. Os documentos escritos se apresentam cuidadosamente dispostos em colunas, ou em linhas, com pequenos retângulos (a princípio quadrados) bem alinhados e ocupados por um sinal bastante grande ou por um grupo de dois ou três sinais menores. Os sinais produziam uma impressão estética; ademais, para as pessoas, que em maioria não sabiam ler, tinham mais ou menos um valor mágico; em certas circunstâncias se inutilizavam os sinais, evitando que representassem seres vivos inteiros. O exercício da escrita era confiado a numerosos escribas, que gozavam de uma posição social bastante elevada; devia conhecê-la também, pelo menos uma parte da classe alta.

Ao cabo de um milênio aproximadamente, ao lado da escrita monumental apareceu uma forma cursiva, escrita geralmente com tinta, em que os desenhos, reduzidos esquematicamente para facilitar uma rápida execução, deixavam de ser reconhecíveis: é o primeiro exemplo que podemos citar em que a necessidade de rapidez na es-

crita prevaleceu sobre a clareza da leitura. Mas nesta escrita cursiva, que mudou de traçado segundo as épocas (chamada primeiro hierática e logo demótica), o sistema de notação seguiu sendo o mesmo.

Era um sistema complexo, cuja decifração, uma vez perdida a tradição, acabou sendo penosa para os investigadores, habituados ao sistema alfabético.

Era constituído em sua maior parte por sinais-palavras, segundo o princípio ideográfico; êstes sinais-palavras tinham sido em sua origem sinais-coisas empregados, quer em forma de charada ou hieróglifo direto, quer de charada por substituição sem decomposição das palavras de significação análoga (fenômeno de polifonia), sendo neste caso a substituição psicológica, ou de palavras de consonância igual ou análoga (fenômeno de polisemantismo). Graças a êstes dois processos, o número de sinais podia reduzir-se a algumas centenas, redução que facilitava muito a memória e a aprendizagem dos sinais, mas era causa de incerteza na leitura. Em vista disso, adotaram-se dois tipos de complementos destinados a facilitar a leitura mas que não precisavam ser pronunciados. Em primeiro lugar, sinais (tomados do conjunto de sinais ideográficos) para indicar as categorias dos significados (sêres humanos e suas ações, animais, utensílios etc.), ideogramas de categorias, parecidos com as claves chinêsas. Em segundo lugar, e para guiar a pronúncia dos sinais, sons ou sinais fonográficos representando as consoantes (sòmente) de palavras curtas com uma ou duas consoantes, sem se preocupar com o sentido mas sòmente com a pronúncia; no caso mais freqüente, o do monoconsonantismo, temos o equivalente daquilo que mais tarde seria a letra. Êstes elementos fonográficos, que mostram a profunda decomposição analítica da palavra em seus elementos, utilizam-se sòmente para representar os sufixos e os prefixos, enquanto que os sinais-palavras representam sòmente os radicais. Disponha-se assim de um sistema misto ideográfico e fonográfico.

Devem ter existido anteriormente outros métodos práticos que, por falta de materiais resistentes, não se conservaram. Os documentos mais antigos que subsistiram mostram já a preocupação de relatar acontecimentos contemporâneos. Posteriormente, encontramos documentos da vida cotidiana, como por exemplo uma grande número de textos comemorativos. Existem imagens de vários escribas escrevendo ao mesmo tempo, aparentemente um ditado, o que mostra o início da multiplicação da coisa escrita ou, dito de outro modo, dos livros. Um dos costumes que cabe aqui assinalar é o dos escarvelhos gravados com caracteres, que serviam de selo; é um dos mais antigos empregos da escrita, a julgar pelos vestígios de diversas civilizações, por exemplo das cidades do Indo, quase contemporâneas

ao comêço dos reinos egípcios, em que os selos foram as únicas inscrições encontradas (com uma escrita ainda não decifrada).

Em outra região, que hoje para nós é o Oriente Próximo, nasceu, aproximadamente na mesma época, um sistema de escrita aparentado estritamente com o sistema egípcio, mas muito diferente quanto à realização. Há cêrca de mil anos de intervalo entre os pictogramas de contabilidade (perto de 3500) de que falamos anteriormente e a escrita cuneiforme clássica, expressão das duas línguas que desempenharam um grande papel religioso e literário nesta região: o sumério, ao qual até agora não se pôde atribuir um parentesco lingüístico, e o acádio (assírio-babilônico), que constitui o semítico oriental.

Os desenhos antes toscos, sem atrativo artístico, foram-se transformando pouco a pouco em combinações dêsses riscos que levam um pequeno triângulo em uma extremidade e merecem o nome de cravos e dêsses outros triângulos com dois pequenos prolongamentos que merecem o de cunhas (daí o nome de escrita cuneiforme), traçados apoiando-se com a ponta de uma haste biselada, na argila ainda não cozida de uma tabuinha, material êste que logrou o mérito da perpetuidade.

Convém assinalar que os numerosos escribas mesopotâmicos, que se dedicavam, segundo sabemos, a muitos estudos (sobretudo as comparações gramaticais entre as duas línguas que utilizavam), souberam criar com seu material anguloso tôda uma arte caligráfica que continha sábias disposições para a paginação, condensações assombrosas de escrita em pequenos espaços e “brancos” artificialmente criados. Um exemplo interessante disto é esta espécie de cursiva sôbre material mole que foi utilizado por hábeis artesãos, que a gravavam em pedra em pequenos monumentos, especialmente nas estelas (muros de tamanho reduzido), integrando-a na majestosa arquitetura mesopotâmica, com suas esculturas por vêzes gigantescas.

Como no egípcio, a maior parte dos sinais (500 aproximadamente no sumério antigo) são sinais-palavras, procedentes de antigos sinais-coisas. Muitas palavras sumérias são monossílabos, com duas consoantes que assinalam uma vogal, mas existem outras mais curtas (vogal ou vogal e consoante) ou mais longas. No acádico, como no resto do semítico, são as raízes triconsonânticas as que dominam.

Tanto no sumério como no acádio, utilizam-se os mesmos sinais com valores múltiplos por substituição psicológica, praticada amplamente. Em ambas as línguas, a substituição fonográfica se operava, seja entre palavras curtas, seja entre partes de palavras longas, sempre com a presença de uma vogal (contrariamente ao que ocorria com o egípcio). O acádio, que conservou valores sumérios e acrescentou outros por decomposição das raízes semíticas, possui uma singular abundância de sinais com valores múltiplos, que só se diferenciam às

vêzes graças ao contexto. O emprêgo é análogo ao do egípcio, estando os radicais comumente representados por um ideograma. Os ideogramas de categoria são menos numerosos que no egípcio e mais abundantes no acádio que no sumério. O emprêgo de sinais fonográficos é que permite a leitura; utilizam-se para as terminações e também para os inícios de palavras, não só como afixos mas também como partes do radical, aumentadas ou não com um afixo. De todo modo a leitura acabou sendo sempre complicada e exigia uma cuidadosa preparação para se chegar ao conhecimento dos diversos valores de um mesmo sinal.

A escrita cuneiforme de uso ideográfico e fonográfico silábico se expandiu como instrumento de civilização até ao sudeste, no Elam, onde existia uma antiga escrita hieroglífica cuja evolução não prosseguira. A escrita cuneiforme, sobretudo em seu aspecto fonográfico, foi adotada nesta região em meados do terceiro milênio. Ao noroeste, em meados do segundo, um sistema hieroglífico coexistiu no país hitita, com o emprêgo da escrita cuneiforme, abundante em ideogramas cuja presença facilitou a decifração, dando uma idéia geral do conteúdo dos textos.

O processo das “cunhas” serviu, ao menos por duas vêzes, para usos puramente fonográficos, uma no início da criação do alfabeto na região sírio-palestina, no que se refere ao ugarítico, e a outra quando se estabeleceu o domínio persa, no que diz respeito ao alfabeto-silábico do persa antigo. Ambas escritas, porém, foram efêmeras. Em tôdas as partes prevaleceu o alfabeto com escrita à tinta.

No Mundo egeico insular, em Creta e em Chipre, desenvolveram-se civilizações originais em que a escrita se iniciou, também, com uma fase hieroglífica. Ao que parece, tomou muito rapidamente caráter fonográfico, efetuando-se sistematicamente a decomposição analítica das palavras em sílabas do tipo de consoante seguida de vogal. O número de caracteres de traçado medianamente complicado é sempre menor que nos sistemas ideo-fonográficos (80 no linear B de Creta, 55 no chipriota). Não foram decifrados documentos em línguas anteriores às invasões indo-européias helênicas. Em Creta, e, dentro do continente, em Micenas, conseguiu-se ler grego em escritas silábicas de 1450 e 1200 a. C., aproximadamente, antes de os gregos adotarem o alfabeto, e em Chipre cêrca do ano 500, quando nos demais lugares os gregos se utilizavam, já há longo tempo, do alfabeto.

Êste se formou em circunstâncias e em um lugar exato que não conhecemos da costa oriental do Mediterrâneo. Tem seguramente, como as demais escritas, uma origem pictográfica. Mas não foi possível relacioná-la com certos documentos hieroglíficos da região fenícia e não se pode dizer com segurança que tenha algo a ver com uns documentos gravados que se encontram no Sinai, com data duvidosa

(entre 1800 e 1500 a. C.) e que contém um pequeno número de sinais que têm mais ou menos o carácter de desenhos toscos. O que é seguro é que, em contacto com as grandes escritas da civilização do Oriente Próximo, e dois milênios depois delas, a invenção se concretizou de uma só vez, ao que sabemos, ao constituir-se uma escrita fonográfica baseada na análise dos menores elementos das palavras e consistindo, portanto, num número muito reduzido de caracteres (apenas pouco mais de vinte), de traçado simples e sem representação de objetos. Dêste modo chega-se ao reinado dos sinais-sons ou letras.

Era um verdadeiro “sinal dos tempos”: o momento em que o homem chegara, com seu esforço de reflexão, a um conhecimento claro da constituição íntima de sua linguagem e dêle tirava conseqüências práticas. Isto ocorreu numa região de pequenas cidades-estados, onde, ao que parece, o comércio longínquo por meio da navegação ou através dos desertos mantinha a prosperidade, seguramente com uma participação bastante grande dos cidadãos na administração. A partir daí a escrita, acessível a um grande número de pessoas, facilitou cada vez mais o progresso da civilização intelectual.

A história do alfabeto, de suas origens aos nossos dias, é complexa. Devem-se ter em conta a expansão em diversas direções relacionada com acontecimentos sociais; as diferenças nacionais das formas dos caracteres, mais ou menos em relação com tipos ou modelos estéticos; as diferentes maneiras de completar a expressão fonográfica (sobretudo a representação das vogais); a diferente maneira também de delimitar as palavras, dando a devida importância necessária ao aspecto ideográfico.

Paradoxalmente, o primeiro uso comprovado do alfabeto se encontra numas tâbuinhas pertencentes à biblioteca de Ugarit (ao norte da Fenícia), cuja existência foi datada entre 1600 e 1200 a. C. aproximadamente; apresentam um traçado cuneiforme (leitura da esquerda para a direita). Língua: variedade do semítico ocidental próxima do cananeu e do aramaico. O surgimento do traçado que iria converter-se em nosso alfabeto produziu-se na Fenícia e nas regiões vizinhas adjacentes, tanto no que diz respeito ao cananeu como ao aramaico, com certeza por volta do ano 1000 a. C., no mínimo (1300 com relação a certos monumentos fenícios, segundo alguns arqueólogos). Alfabeto de 22 letras, tôdas consoantes; donde se deduziu que prescindia das vogais, que não se podiam ignorar, e que na realidade as letras representavam sílabas com vogal não indicada, estado intermediário entre o silabismo e o alfabeto completo. Traçados de letras de dimensões variadas, algumas das quais superam a dupla linha ideal dos pequenos caracteres, quer por cima (haste), quer por baixo. A impressão é de cursiva, com caracteres separados, traslados secun-

dàriamente para matéria resistente dos sarcófagos ou das estelas sepulcrais. Nas antigas inscrições, assim como na única inscrição que se conhece em moabita, outra língua cananéia, as palavras são separadas geralmente por pontos. A direção é da direita para a esquerda.

O aramaico, outra língua semítica ocidental, tinha no início (cêrca do ano 1000 a. C.?) quase as mesmas formas de caracteres e o mesmo funcionamento (direção da direita para a esquerda).

A adoção do alfabeto consonântico semítico pelos gregos, talvez por volta do ano 1000 a. C., tomado diretamente dos fenícios ou por via de propagação pela Ásia Menor, teve consequências consideráveis.

A primeira foi a realização completa do sistema alfabético com letras consoantes e letras vogais. Para a anotação clara de sua língua, os gregos não podiam deixar de representar as vogais; encontraram para isso um meio simples utilizando letras que representavam consoantes do semítico que não existiam em grego. Assim foi como o princípio fonográfico chegou à sua realização completa. Resultou disso, que os gregos, que liam progressivamente os caracteres sem ter que acrescentar nada para distinguir as palavras, renunciaram (após ao período arcaico) às separações de palavras. Foi vários séculos depois que os eruditos se preocuparam em completar a escrita mediante sinais, particularmente o acento tônico, cuja mobilidade na língua grega é motivo de dificuldades. Mais tarde, restabeleceram a fisionomia particular das palavras separando-as por intervalos, escrevendo, em suma, grupos-palavras, hábito que para nós é indispensável.

No que se refere ao traçado (cuja direção se fixou, após algumas vacilações, da esquerda à direita), os gregos adotaram para o que chamamos de maiúscula, formas virtualmente quadradas, sem prolongamento superior nem inferior e com numerosas simetrias sobretudo laterais; o que produziam um efeito estético seguro. Mais tarde, para o uso manuscrito rápido, criaram-se formas rápidas de minúsculas.

Na Índia a escrita deve ter aparecido por volta do século V a. C., tirada, quase com certeza, do alfabeto consonântico semítico, mas com traços tais, desde o comêço, na maior parte das letras, que a imitação não está totalmente demonstrada. O que é certo é que se formou um sistema de anotação das vogais muito diferente do dos gregos e que levou à constituição de um alfabeto silábico. Os caracteres isolados se lêem com uma consoante seguida da vogal "a", que é a que se apresenta mais à miúdo; sinais (e não letras) após, antes, por cima ou por baixo do corpo do caráter representam vogais de timbres

diversos, breves ou longos. As palavras não estão separadas na frase, cujo final vem indicado.

Não há uma escrita indiana e sim escritas de formas diversas, com caligrafias diferentes (direção da esquerda para a direita). É extremamente interessante seguir nas diferentes regiões do mundo em que a escrita penetrou mais ou menos profundamente como instrumento para usos distintos, as vicissitudes da história do alfabeto, estendendo-se ao longo das vias comerciais ou da propaganda religiosa; as mudanças na forma dos traçados segundo os diversos materiais; as diversas relações entre a caligrafia e outras artes; a desigual adaptação à expressão das línguas nas ortografias etc. Não é possível aqui dar disso tudo mais que um ligeiro esboço.

Do protótipo semítico antigo não procedem somente as ramificações cananéia e aramaica; existe ainda um ramo meridional representado sobretudo pelas inscrições arábicas do sul, ou hemiaríticas, de caracteres simétricos (sem dúvida com influência do grego); e a disposição alternada das linhas, da direita à esquerda e da esquerda à direita, freqüente em grandes inscrições monumentais, mostra o desejo de facilitar uma leitura corrente ao visitante que passava diante da fachada. A escrita etiópica, dela derivada, vai da esquerda à direita.

Há uma projeção na direção do Oeste representada pelo líbico-berbere, cuja utilização foi sempre restrita, com caracteres traçados também simetricamente e de aspecto original, colocados sobre as estelas antigas em colunas que se lêem de baixo para cima. A escrita aramaica se diferenciou dentro do campo semítico, onde a língua aramaica se propagou às expensas da cananéia, da ugarítica, da acádica (e da suméria), em diferentes variedades que se liam da direita para a esquerda. Daqui provêm o hebraico quadrado, que se iria perpetuar indefinidamente e é hoje a escrita oficial do Estado de Israel; o siriano, do pequeno Estado de Edessa, que sobrevive ainda como escrita religiosa; o palmiriano, de outro pequeno Estado, o de Palmira, cuja existência foi efêmera, depois de haver mostrado os primeiros exemplos de caracteres ligados, mais freqüentes em outro pequeno centro situado no umbral de Arábia onde se utilizou o nabateu.

Fora do campo semítico, a escrita aramaica se estendeu ao Norte por uma grande parte da Ásia, entre povos de língua irânica, turca e mongólica.

Ao sul do domínio semítico, os beduínos da Arábia adotaram a escrita dos nabateus. Com a expansão do Islão este feito teria enormes conseqüências para a escrita. A escrita árabe era uma cursiva ligada rápida, sobretudo quando se prescindia de colocar os sinais das vogais acima ou abaixo dos caracteres, como ocorre no Alco-

rão e no ensino. Prestou-se a toda espécie de exercícios e jogos caligráficos, em parte com estabilizações, mas foi também utilizada abundantemente com caráter ornamental tanto em objetos como em monumentos, especialmente nas partes ornamentais de estuque.

Empregada pelos muçulmanos não árabes, estendeu-se pela Ásia anterior e central, por uma parte da Índia e da Insulíndia e por diversas regiões da África.

A escrita indiana estendeu-se por todo o domínio das línguas indo-arianas, até o Nepal, e pelo das línguas dravídicas na parte meridional; porém, seguindo o budismo (que não haveria de subsistir na própria Índia), chegou ao Norte até o Tibete e ao Sudoeste até uma parte da Indochina e a maior parte da Insulíndia. Os traços empregados, ainda seguindo o tipo silábico, não apresentam, como no árabe, ligeiras variantes mas constituem uma série de escritas de aspecto realmente diferentes, que seria interessante comparar com as variedades da arte ornamental.

A escrita grega que em sua forma clássica reduziu-se, nos dias de hoje, a uma pequena zona, foi objeto de várias expansões e modificações mais ou menos acentuadas, em diferentes períodos e em diversas direções. A Leste, é preciso levar em conta, na época antiga, certas línguas da Ásia Menor que não subsistiram, como o frígio. Estas línguas, contudo, talvez tenham recebido, ao menos em parte, a escrita semítica ao mesmo tempo que a grega e mesmo antes dela. Na época cristã, durante a evangelização, o grego foi utilizado na África para o copta e para o núbio antigo: ao norte do Mar Negro, durante algum tempo, para o gótico germânico; logo, em forma até hoje definitiva e com um traçado distinto, embora muito semelhante, chamado cirílico, para algumas línguas eslavas, seguindo o destino da Igreja do Oriente (com exceção da Grécia). Na Armênia e na Geórgia apareceram certas imitações desfiguradas, como elementos de outra origem. Em nossos dias, tendo-se a União Soviética decidido pelo emprêgo uniforme da escrita cirílica, esta se aplica em parte, substituindo a escrita árabe, a diversas línguas fino-úgricas, turcas, mongólicas etc.

Para Oeste, a escrita alfabética se estendeu na Antigüidade, por contágios de civilização e, ao que consta, sem um aspectos religioso particular, sobretudo na Itália, tanto entre os etruscos, cuja língua de origem desconhecida continuamos sem compreender, quanto, por mediação deles ou sem ela, entre povos itálicos de línguas indo-européias, em particular os latinos.

Parece que uma forma setentrional nos Alpes deu origem às runas, que tiveram forma original e se utilizaram nos países escandinavos para usos derivados em parte da magia.

Para as maiúsculas, a escrita latina adotou como o grego formas em grande parte simétricas, de grande clareza e que se prestaram a uma utilização monumental, podendo ampliar-se bastante, se necessário, para serem lidas de longe. Para usos correntes e para os livros, adotou-se um número variado de formas, que constituem uma história à parte, relacionada grandemente com necessidades estéticas ou com os conflitos práticos de rapidez e legibilidade.

Podemos mencionar, no século XVI, a escrita livresca gótica que lembra singularmente o estilo arquitetônico ogival e que encontramos nos últimos manuscritos e em diversos incunábulo, acompanhada por uma cursiva particularmente mal composta e confusa, a que sucedeu a escrita chamada humanista, tão sóbria e clara, que se reflete ainda em nossos textos impressos.

A escrita latina se estendeu pela Europa, primeiro com a administração romana e depois com as cristianizações sucessivas, limitada pelas posições que tinha conquistado a escrita cirílica. A seguir, com as navegações e as colonizações européias, ganhou grande parte do mundo e especialmente as Américas. E' hoje a mais difundida de todas. Graças à instrução, inaugurada pelos missionários, a escrita latina se adaptou ao uso do malgaxe em Madagascar e do vietnamita na Indochina. Adotaram-na hoje para suas línguas nacionais a República Indonésia e a das Filipinas. Recorreu-se a ela também na República da China Popular, para as minorias que não possuíam escrita; é, além disso ensinada aos chineses (ver acima). Começou igualmente a ser utilizada nas línguas africanas e ameríndias. Completada de maneira sistemática, serve para as transcrições de outros sistemas e para as notações fonéticas.

Ao longo de sua evolução, a história da escrita aparece ligada a elementos materiais: suporte, instrumentos para escrever, líquido para escrever; a escrita dependeu durante muito tempo da habilidade manual de gravadores e outros copistas. Um fato de importância decisiva foi a reprodução dos escritos em grande número de exemplares, graças aos processos de impressão, reprodução condicionada primeiro pela existência de uma indústria do papel. A história da estampa múltipla começa na China, no século XI de nossa era. A xilografia se praticou no século VI. Os caracteres móveis na China e na Coreia datam do século II. Na Europa ocidental, depois de uma utilização limitada da xilografia, a fabricação de caracteres móveis e de prensas no século XV produziu o florescimento do livro e da folha volante, aumentando consideravelmente a prática da leitura, sem que se generalizasse a instrução. Naturalmente, a imprensa exigia novas classes de técnicos (mencionemos aqui simplesmente a máquina de escrever e seu mundo de taquimecanógrafos). Foi no século XIX que se logrou ao mesmo tempo um grande volume de impressos com os pe-

riódicos diários (graças à utilização de máquinas cada vez mais aperfeiçoadas) e a instrução generalizada nos países de civilização industrial mais desenvolvida.

Na era da eletricidade, os progressos acelerados da indústria, a que a escrita fornecera grande contribuição como instrumento intelectual, suscitaram várias rivalidades na satisfação das necessidades a que ela responde: facilidade da comunicação (mensagem), conservação, transmissão e generalização das informações, do ensino, da propaganda (*inclusive* a publicidade) e das diversões. O telefone, o rádio, o cinema, a televisão, o gravador magnético acumulam as funções da correspondência, do jornal e do livro de instrução e entretenimento.

A função da escrita permanece intacta em uma parte de seus primeiros usos, anteriores ao livro que hoje, dentro de uma perspectiva secundária, nos aparece como o tipo mesmo do escrito. São os usos de autenticação no seu sentido amplo: a mensagem autenticada, o contrato, a comemoração solene, o edito ou a sentença, os textos religiosos que se repetem literalmente. Acrescentemos o testamento (que nem sempre foi hológrafo) e as atas das deliberações legislativas e judiciais. O mesmo ocorre com usos posteriores que parecem destinados a perdurar: a correspondência íntima, as memórias pessoais, as notas e esboços na preparação de obras literárias ou de ensino.

Até que ponto a fixação ou gravação mecânica da palavra solapará também estes usos? Ou, pelo contrário, até que ponto a escrita (à mão ou à máquina) continuará a ser utilizada para a própria preparação das diversas fixações? Perguntas que um futuro mais ou menos próximo se encarregará de responder.

A história que se iniciou faz seis mil anos passou por numerosas peripécias. A aparição do alfabeto por volta do ano 1500 a. C. teve uma importância capital. Por seu turno, a da imprensa na Europa, no século XV, representou um momento decisivo na extensão do papel mundial da escrita. Em nossa época, estamos assistindo a outra peripécia — supõe tal peripécia uma decadência definitiva, em benefício de outras invenções capazes de conservar e transmitir uma linguagem de geração em geração?